

Sociabilidade e reivindicações na ocupação Copa do Povo

Javier Barneche



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2401>

DOI: 10.4000/pontourbe.2401

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Javier Barneche, « Sociabilidade e reivindicações na ocupação Copa do Povo », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2401> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2401

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

Sociabilidade e reivindicações na ocupação Copa do Povo

Javier Barneche

- 1 Chegou o momento tão esperado por todos. O dia 12 de junho era a data da cerimônia de abertura e o dia do jogo entre Brasil e Croácia, que daria começo ao maior evento dos últimos tempos, a Copa do Mundo 2014, “A Copa das Copas” como o poder político se encarregou de difundir.
- 2 Mas vale ressaltar que o fato de a Copa do Mundo acontecer no Brasil imprime a ela certas características particulares. Tanto pelo forte conteúdo simbólico e espiritual que tem o futebol para o povo brasileiro, como pela determinada situação social, política e urbana das cidades-sede dos jogos. Essas características fizeram com que o evento não fosse somente uma possibilidade de festejo para a população e de grandes negócios para um punhado de pessoas, mas também foi a condição para que inúmeras reivindicações sociais tivessem maior visibilidade. Isso pode ser visto nas reivindicações concretas de moradia, quanto para aqueles que queriam discutir o lugar que ocupa o Estado na realização do evento e no destino de importantes investimentos públicos. No primeiro caso são bem conhecidas as manifestações “Copa: sem povo tô na rua de novo”, organizadas pelo Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST) com uma composição social com um claro predomínio dos setores populares, e no segundo caso as manifestações “Não vai ter Copa”, organizadas por movimentos como “Movimento Passe Livre” (MPL), “Território Livre” e “Juntos” entre outros que em sua composição social predomina a classe média urbana.
- 3 A cidade, vista a partir dessa perspectiva, parecia se encontrar profundamente dividida. Por um lado, as grandes celebrações na *Arena Corinthians*, na *Fifa Fan Fest* e nos telões colocados pela prefeitura em vários pontos da cidade para a exibição dos jogos. Por outro, a cidade se encontrava fortemente mobilizada através dos movimentos supracitados.
- 4 No dia 12 de junho eu tinha vontade de conhecer outra realidade social e outra torcida além das celebrações mais institucionalizadas organizadas pelo estado ou pela FIFA. Foi por isso que decidi comparecer ao evento “Vai ter Pagode”, organizado pelo MTST no

terreno que fora recentemente ocupado, conhecido como “Copa do Povo” em Itaquera. A ocupação ficava cerca de 3,5 quilômetros da Arena Corinthians, palco da cerimônia e do jogo de abertura.

- 5 Segundo o evento difundido pelas redes sociais, aconteceria na Copa do Povo um campeonato com equipes que representariam as seleções das categorias em luta no país: metroviários, garis, rodoviários, estudantes, professores e o pessoal da ocupação. Fiquei curioso porque o convite não mencionava onde as pessoas assistiriam o jogo. De qualquer jeito tinha certeza que em algum lugar isso aconteceria.
- 6 Acordei às 9 horas ao som das vuvuzelas que vinha da Rua do Arouche (Vila Buarque), onde morava no momento. Quando saí com destino ao metrô encontrei a rua lotada de vendedores ambulantes. Pelo fato da proibição da Lei Geral da Copa, que proibia a comercialização de produtos em um raio de 2 quilômetros dos estádios, estas pessoas tiveram que procurar outros espaços para vender suas mercadorias.
- 7 Ao chegar ao metrô consegui perceber uma dinâmica bem diferente do cotidiano. Os vagões tinham muitos turistas que, apesar dos avisos estarem também em inglês, encontravam-se ainda um pouco confusos.
- 8 Estação por estação, desde o Centro até a periferia, era possível ver como mudava a paisagem da cidade, tendo uma presença cada vez maior de casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais (a maioria produzida pela COHAB e resultado da política habitacional dos anos 1970). Quanto mais para o leste o trem chegava, mais evidente era a configuração dos “bairros- dormitórios” onde, com a expansão da cidade nas últimas décadas, foram morar as famílias de baixa renda.
- 9 Ao passar pela Estação Carrão, aproximadamente às 10 horas da manhã, pude ver pela janela uma concentração de manifestantes. Segundo a convocatória difundida pelas redes sociais, lá aconteceria outra manifestação contra a Copa - “Não vai ter Copa” - que tinha como objetivo chegar o mais perto possível do estádio.
- 10 Tive que descer na Estação Artur Alvim. Em decorrência do evento, os ônibus não se aproximavam da estação Cortinhians-Itaquera. Ao descer percebi um grande movimento e uma presença ostensiva da polícia. As cores do Brasil encontravam-se em todo lugar: nas ruas, nas bandeiras penduradas, nas roupas das pessoas, na maquiagem das mulheres e crianças. Já se podia sentir uma considerável agitação. Caminhei por uma rua bem pequena até chegar ao ponto de ônibus, onde peguei o micro-ônibus (conhecido também como lotação) com direção ao “Parque do Carmo”.
- 11 Uma vez que descí, pude observar que a ocupação ficava bem perto do ponto de ônibus. A questão relativa à mobilidade urbana é bem importante na hora de escolher ocupar um terreno, porque a luta dos Sem Teto não é só para ter uma casa para morar, mas também para poder aproveitar os serviços que a cidade oferece.
- 12 O espaço onde acontecia o campeonato era bem perto da entrada do acampamento. Lá foi possível ver uma bandeira vermelha de uns cinco metros de comprimento com o nome da ocupação. No local encontravam-se em torno de 200 pessoas, dentre elas o pessoal da ocupação, as equipes convidadas e os jornalistas.
- 13 Os jogos aconteciam em espaço bem perto da rua, o campo ficava no meio, num extremo tinha um galpão com outra bandeira da ocupação e no outro uma torrezinha de comando onde um locutor organizava os jogos e colocava as músicas.

- 14 Os jogos duravam dez minutos. O primeiro que assisti foi Professores *versus* Metroviários. Enquanto isso, preparavam-se as mulheres da ocupação que, divididas em duas equipes, também participariam do campeonato.
- 15 Simultaneamente aos jogos, os organizadores colocavam músicas que animavam a multidão toda. Até os jogadores e jogadoras às vezes acompanhavam algumas músicas com o movimento de seus corpos. Entre pagode e funk, ouvi uma música que chamou poderosamente minha atenção: era o música da “Copa do Povo”, e desde o primeiro momento todos se puseram a dançá-la. A música dizia:
- “MTST, a luta é para valer
Queremos moradia para nosso povo viver
Não temos nada contra a Copa do Mundo
Mas viver no Brasil sem moradia é um absurdo”.
- 16 Durante todo o tempo o ambiente era descontraído, o pessoal dançava, falava com os vizinhos e também com jornalistas que presenciavam o campeonato. Além das mulheres, também tiveram lugar no campeonato as “Ronaldinhas” ou as “Gatinhas”, conforme a fala do locutor. Esta era uma equipe de homens que, para o jogo, decidiram se fantasiar de mulheres com saias e roupas brilhantes e coloridas. Ao aguardarem para entrar em campo, as “Ronaldinhas” improvisaram um maracatu que animou muito o momento. Com uma lixeira pública, que virou tambor, vários integrantes se dispuseram a tocar e outros tantos a dançar ao ritmo do som.



Acervo pessoal

- 17 Minutos antes de entrar em campo, as “Ronaldinhas” se encontravam dançando e fazendo uma fila que incluía todas as pessoas que estivessem nas imediações. Entre os jogos

podiam-se ver crianças (meninos e meninas), que ocupavam todos os lugares por onde a bola passava.



Acervo pessoal

- 18 Eram 14h25min e já com fome comecei a procurar onde poderia comer alguma coisa. Perguntei para um jovem onde era possível almoçar. Ele me respondeu surpreso: “*Você não comeu ainda? Vem!*”.
- 19 Essa foi minha primeira oportunidade de sair de onde acontecia o campeonato e entrar na ocupação de fato. No caminho perguntei qual era o nome do jovem e desde quando ele ficava na ocupação. Chamava-se Lucas e estava no local desde o primeiro dia. Ele aproveitou para me perguntar o que eu fazia da vida. “*Sou estudante de Ciências Sociais*”, falei para ele, que respondeu com um “*Ah tá!*”. Quando chegamos à cozinha da ocupação, Lucas disse para a cozinheira: “*Dá um prato de comida para o jornalista!*”. Sem demorar muito a mulher me deu um prato com bastante comida. Arroz, feijão, tomate, ovo cozido e molho de carne. A comida estava muito quente e bem temperada.



Acervo pessoal



Acervo pessoal

- 20 Ao meu lado , encontrava-se um menino, João, que também estava comendo. Começamos a conversar, logo perguntei em que parte da ocupação ele morava. Ele me contou uma interessante história:

Eu: Onde é que você mora?

João: Lá em cima (apontando com sua mão para a parte da ocupação que encontra-se em maior altura). Onde estão as serpentes.

Eu: Tem serpentes? Como assim?

João: Tem! E são muitas. Elas estão aqui desde antes que a gente chegou. Às vezes atacam. Faz pouco tempo atacou um amigo meu e os pais dele acabaram matando ela; cortaram a serpente em dois!

Eu: As serpentes são perigosas...

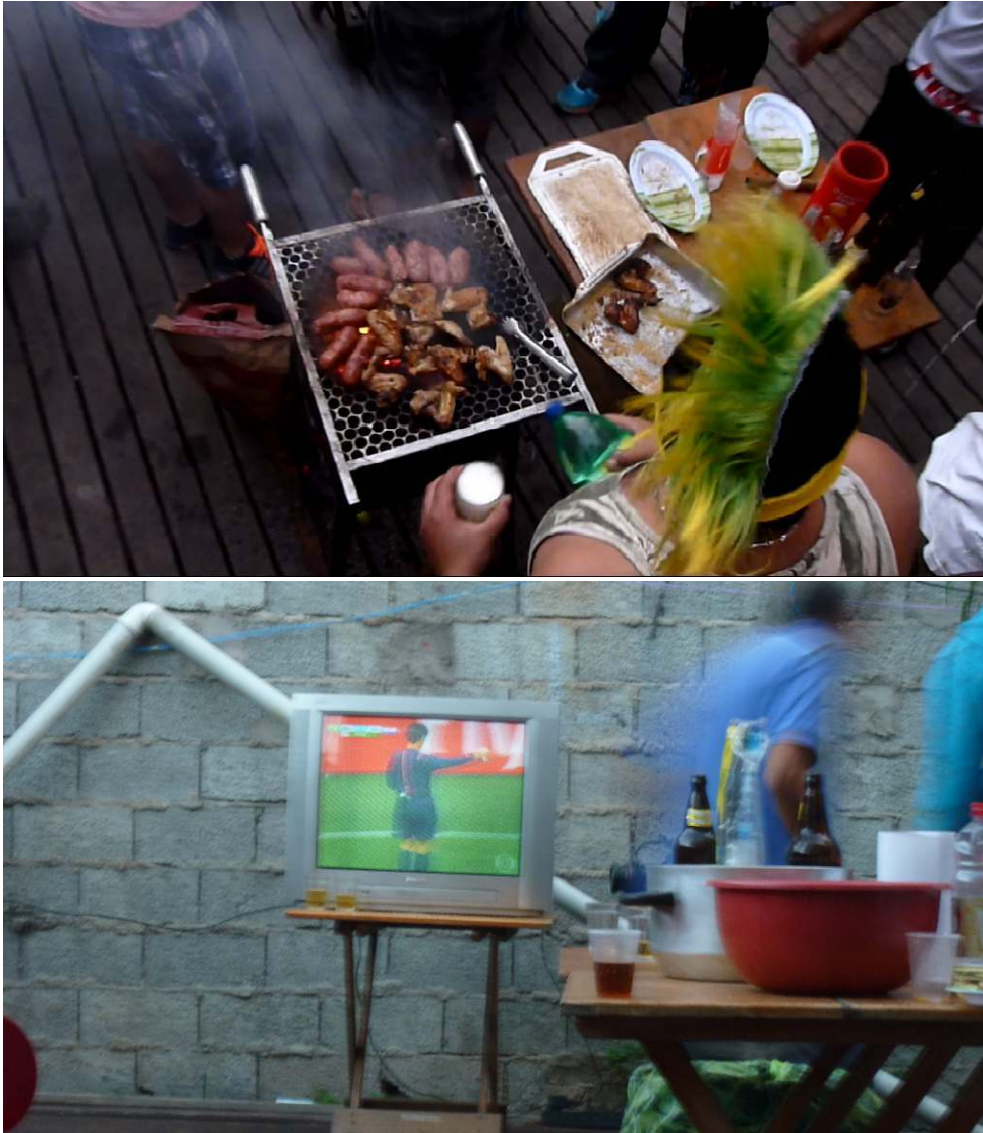
João: Não gostam de que a gente esteja aqui. Este lugar era delas. Mas a gente não vai desistir, vai ficar!

- 21 O relato do João ficou muito tempo dando voltas em minha cabeça. É que no fundo terminou sendo uma parábola da luta dos sem-teto, da resistência, mas na perspectiva de um menino sem teto, com o próprio universo simbólico dele.
- 22 Com o estômago cheio voltei para o lugar onde rolava o campeonato. Eram 16h00 quando um dos militantes do MTST disse que não seria permitido ligar a única TV disponível na ocupação para ver o jogo. Então comecei a perguntar ao pessoal presente onde pensavam assistir o jogo. Muitos deles falaram que foram convidados para assistir na casa de parentes ou “na outra casa”, fazendo referência às casas que compartilhavam com outras famílias antes de chegarem à ocupação.
- 23 O lugar estava ficando vazio e até pensei que não conseguiria assistir ao jogo. Mas apareceu André, um jovem da ocupação que, com tom apressado, me perguntou:
- André: E ae gringo! Vai assistir o jogo ou não?
- Eu: Gostaria, sim! Mas onde será que a gente consegue?
- 24 André fez um gesto para que eu o seguisse. Daí ele me disse: “Vamos para o bar do Velho, ele tem uma tv grande que pega bom sinal”. O bar do Velho ficava a poucos metros da ocupação, a lona da loja era metade verde e metade amarela e, por parecer tão nova, pude deduzir que tinha sido colocada por motivo da Copa.
- 25 Quando chegamos, o bar estava com as persianas fechadas. André não demorou em batê-las, até que alguém abriu a porta sem perguntar quem estava batendo. Foi uma mulher que trabalhava no bar que nos deixou entrar. Não fez falta perguntar quem era Velho, consegui identificá-lo atrás do balcão, com uns óculos olhando com atenção uma carta que parecia ser de um serviço. Eu queria me apresentar a ele e falar um obrigado por poder ver o jogo lá, mas o André, com pressa, falou: “Vamos! Que ele não gosta de assistir o começo”.
- 26 Fomos para o pátio, que ficava no fundo do bar. Lá havia 15 pessoas, a maioria da ocupação e os outros vizinhos “históricos” do bairro; como se apresentou uma mulher logo que cheguei. As pessoas usavam, em geral, roupas comuns e sem alusão a nenhuma equipe de futebol. Apenas um dos dois meninos que se encontravam no local tinha a camiseta azul de treino do Corinthians. Depois, no segundo tempo do jogo, apareceu no local um militante do MTST com a camiseta vermelha do movimento.
- 27 A televisão ficava contra uma parede de material sem reboco. A antena fazia um grande esforço para sintonizar a “Band” e assim podermos ver o jogo. O volume sumia inexplicavelmente de vez em quando, mas, pela reação do pessoal lá, parecia que todos já estavam acostumados.
- 28 O Bar do Velho pode ser considerado um *pedaço*, para usar um termo de Magnani (1998). Já que apesar de ser um lugar privado com fins lucrativos, *torna-se um ponto de encontro para um particular grupo de pessoas que pertencem a uma mesma rede de relações* (Magnani, 2002:21):
- O termo, na realidade, designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada

nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1998: 116).

- 29 O fato do Bar do Velho fechar suas persianas durante os jogos da Copa reforçou a utilização desse espaço por uma rede de relações restrita, deixando fora aqueles que não conhecem o código para entrar: bater as persianas.

- 30 Quando o jogo estava começando, o pessoal estava bebendo cerveja Skol em garrafa. Dois jovens preparavam o churrasco: o Pássaro e o Croata. Até então ninguém os chamava dessa forma, esses apelidos foram colocados ao longo do jogo.



Acervo pessoal.



- 31 Nos primeiros momentos do jogo as pessoas já se reuniram ao redor da televisão. Podia-se escutar “*Vai Brasil*” enquanto os jogadores entravam no campo. Havia pessoas da ocupação que não se conheciam direito. Uma mulher perguntou para um homem em qual setor da ocupação ele ficava. Em seguida respondeu: “*do G, lá em cima*”. A ocupação se divide em setores e cada setor tem uma letra e um número, para se diferenciar e organizar as atividades e tarefas coletivas.
- 32 O jogo começou e a seleção brasileira tinha a posse da bola. Nos primeiros minutos o pessoal se encontrava um pouco disperso e ainda falando, até que a Croácia marcou o primeiro gol, aos 11 minutos. A partir desse momento, as pessoas ficaram mais atentas ao jogo. Foi com o gol de Neymar, aos 30 minutos aproximadamente, que elas entraram em um efusivo festejo. E cantar:
- “Eu sou brasileiro
com muito orgulho
com muito amor!”
- 33 E depois seguiram cantando:
- “Não tenho casa, eu sou sem teto

e a Copa no Brasil me revolta
Não quero Copa, Copa, Copa, Copa no Brasil
eu quero um teto”

- 34 A música original desta última é conhecida como “Lepo, Lepo”. Em tal versão não há nenhuma referência à luta dos sem tetos, nem às reivindicações deles. A letra original da música foi mudada e ressignificada pelos militantes, que a preencheram com um forte conteúdo reivindicativo.
- 35 As pessoas encontravam-se mais relaxadas com o empate. Depois do gol de Neymar, pude perceber que elas focaram decididamente a interação.
- 36 Uma mulher começou a me falar sobre o seu filho, que era um “*jogador de futebol desde que nasceu*”, segundo os seus próprios termos. O filho está tentando dar certo nos testes de futebol para poder jogar profissionalmente, mas, de acordo com a interlocutora, o pai do menino acha que ele tem muitos “*vícios de várzea*”.
- 37 Depois um homem começou falar comigo. Perguntou-me de que país eu era e se eu viera para cá pelo fato da Copa. Não demorou em me mostrar fotos que havia feito com seu telefone, através das quais era possível apreciar muitas bandeiras desenhadas na rua de sua casa, no bairro de São Mateus, na região de Itaquera. Os desenhos foram feitos pela família do homem e pelos seus vizinhos. Nas fotos constavam membros dessas famílias pintando a rua e posando ao lado das bandeiras já terminadas. “*Essa que está lá é minha filha, a mais pequena. É a primeira Copa para ela*”, disse-me entusiasmado.
- 38 No momento do intervalo um jovem começou a juntar dinheiro para comprar mais cervejas, sem nenhuma contribuição sugerida. No intervalo também entrou na cena “O croata”. Ele era um dos homens que faziam churrasco no começo do jogo. A partir de então ele estava com a palavra “Croata” escrita em vermelho sobre seu peito descoberto. O homem começou a ser o centro da atenção da torcida do bar. Era notório que ele não tinha nada ver com a Croácia, entretanto, ele se dispôs a brincar torcendo pela Croácia, numa incrível interação com o pessoal que misturava brincadeira e mandinga.
- 39 Com o churrasco já pronto, o segundo tempo de jogo começou. Logo houve um pênalti para a seleção brasileira. Uma mulher encontrava-se de joelhos, com as mãos apertadas ao jeito de rezar e depois ao jeito de fazer um teto. Outros homens tinham os braços elevados fazendo tremer as mãos. Outra pessoa que fazia o churrasco tinha colocado um chapéu como as cores do Brasil e recebeu, então, o apelido de Pássaro. Neymar fez o gol e as pessoas do bar começaram a festejar, cantar e chorar. Nada parecia importar nesse

momento do que o jogo que ocorria. Podia-se sentir a alegria, a euforia, a felicidade de todos os presentes.



Acervo pessoal.

- 40 A torcida do bar começou a cantar as músicas vibrantes. A Copa do Mundo tinha começado e o Brasil estava ganhando. O gol de Oscar selou a vitória. “O croata” ficou banhado em cerveja pelos outros torcedores. Voltaram os gritos, as pessoas se abraçavam e saltavam:

“Brasil eoooo, Brasil eooo”

- 41 E depois cantaram:

“Um, dois, três,
quatro, cinco mil
ou dá nossa casa
ou não tem Copa no Brasil”

- 42 Eufóricos, felizes, o Brasil ganhava o primeiro jogo da Copa do Mundo com decisão e grandeza. E além da vitória, além do jogo, a prática de torcer criou um espaço singular de interação, de troca entre as pessoas. Um espaço de sociabilidade onde as pessoas se dispunham a ficar juntas, a falar da vida delas, a torcer, a cantar, a comer e beber. Nada de mal parecia ameaçar esse momento único que era deles e que eles viviam. Como diz a música de Milton Nascimento e Fernando Brant¹:

“Nesses noventa minutos
De emoção e de alegria
Esqueço a casa e o trabalho
A vida fica lá fora
Dinheiro fica lá fora
A cama fica lá fora
A família fica lá fora
A vida fica lá fora
O salário fica lá fora
E tudo fica lá fora” (Nascimento, 1994).

- 43 De fato, os problemas ficaram fora. Em toda minha observação participante não consegui perceber uma só lágrima de tristeza, um só olhar desolado. No futebol, no momento em que os jogadores entram em campo, as diferenças entre torcidas, as desigualdades sociais parecem se dissolver. Os problemas concretos e materiais parecem se afastar até mesmo

para os moradores da ocupação Copa de Povo, que ainda sem ter o direito humano da moradia garantido, podem conquistar essa exuberante felicidade que pude observar e descrever neste trabalho. No contexto do jogo foi criado um singular espaço de interação, de troca de experiências e de reforço dos laços sociais, aquilo que Simmel chamaria de *sociabilidade*. O autor fez uma interessante distinção entre o que ele chama de socialização e sociabilidade. Para ele o primeiro termo refere-se à união e interação dos indivíduos que perseguem interesses e objetivos concretos, como podem ser as relações comerciais. O segundo termo pode ser entendido como a abstração do conteúdo material e teleológico do primeiro termo. No sentido da sociabilidade, a relação social não é um meio para atingir um fim, mas é um fim em si mesmo. As pessoas entram em contato sem perseguir interesses concretos, mas só pelo fato de se relacionarem, de compartilharem experiências, vivências e sonhos. Para o autor, é nesta relação de sociabilidade que os indivíduos conseguem se liberar da realidade objetiva, dos problemas que os afetam. É nesse sentido que a sociabilidade proporciona um sentimento de alívio da realidade objetiva, embora seja momentânea. Então tudo fica lá fora, mas tudo?

- 44 O futebol tem um forte poder emocional e espiritual sobre a população, sem dúvida. Ele também cria valiosos espaços de interação entre as pessoas, seja praticando o esporte ou mesmo assistindo jogos de maneira coletiva, onde se desenvolve um importante repertório simbólico da população em forma de canções, mandingas, vestimentas e comidas.
- 45 Muito se tem falado da utilização interessada deste poder por parte de governos para eclipsar problemas sociais ou de outra natureza. De fato o futebol pode desviar a atenção de uma população sobre algumas questões, mas pode ser muito ambicioso pretender ocultar completamente esses problemas com o esporte. A Copa do Povo é um excelente exemplo disso. O que podemos ver no âmbito da ocupação com o campeonato “*Vai ter pagode*” e nas canções entoadas durante o jogo no bar do Velho é que, se por um lado o esporte faz os problemas ficarem “lá fora” – pelo menos em seu conteúdo angustiante –, não tem o mesmo efeito sobre as reivindicações, que persistem adotando novas formas.

BIBLIOGRAPHY

MAGNANI, J. Guilherme. 2002. “De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo.

_____. 1998. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.

Nascimento, M. (1994). *Aqui é o país do futebol*. Em Milton [CD]. Brasil: EMI.

SIMMEL, Georg. 2002. El ámbito de la sociología. In: *Cuestiones fundamentales de Sociología*. Barcelo : Gedisa.

NOTES

1. A música tornou-se popularmente conhecida pela interpretação do Wilsom Simonal nos anos 1970.

AUTHOR

JAVIER BARNECHE

Estudante de Sociologia da Universidade de Buenos Aires. jbarneche@gmail.com